

INCISÕES NO PESCOÇO DE SEIS DAS VÍTIMAS

26/11
87

• Os golpes foram feitos depois da queda do avião

por Carlos Cardoso, da AIM

Seis dos 35 mortos na queda do avião de Samora Machel, dia 19 de Outubro em território sul-africano, tinham incisões já suturadas na face lateral do pescoço. O tripulante soviético Anatoli Cholipov, os dois médicos cubanos privados de Samora Machel, Henriquez Bettencourt e Ulisses La Rosa Mesa, as assistentes de bordo Esmeralda Luísa e Sofia Arone, e João Tomás Navesse, do Ministério dos Negócios Estrangeiros tinham incisões de cerca de sete centímetros, feitas por objectos cortantes, ora numa ou noutra face lateral do pescoço ao longo do bordo anterior do músculo externo cleido mastóideo.

Segundo o Ministro da Saúde, Dr. Fernando Vaz, estas incisões não foram causa de morte. Os seis, tal como os restantes falecidos na tragédia de Mbuizi, morreram de lesões traumáticas múltiplas, como traumatismo do crânio e torácicas.

Mas as incisões poderão ajudar a explicar as declarações do Ministro dos Negócios Estrangeiros sul-africano, Roelof Botha, quanto a uma das teses, que aventou para causa do despenhamento do avião. Botha disse dias após o despenhamento que a tripulação do «Tupolev 134» estava sob efeito de álcool.

Após o desastre, o Governo moçambicano nomeou uma equipa de médicos que se constituiu em comissão de exames anatomo-patológicos e médico-legais. Chefiada pelo Dr. Hideki Vooyama, essa comissão incluía os Drs. Carlos Gonzalez, Igrejas Campos, Joaquim Cardoso e Stefan Henzgen. Eles eram assistidos pelo Dr. Vaz e pelo então Ministro da Saúde, Dr. Pascoal Mocumbi.

Esta comissão trabalhou com uma equipa sul-africana composta pelo anátomo-patologista Professor J. P. Nel, pelo Dr. Claudius Both, estomatologista, e pela sra. Barbara Fisher, técnica de laboratório. A equipa sul-africana incluía ainda o capitão Kasparus Wilker que trabalhou essencialmente na identificação dos corpos, e pelo sr. Solomon Botha.

Esta equipa sul-africana chegou a Maputo ao fim da tarde do dia 21 de Outubro para examinar as condições de trabalho, e regressou à capital moçambicana no dia seguinte pelas 7.30 horas da manhã, após o que começaram os trabalhos.

No local do despenhamento a parte sul-africana concordava em que todos os corpos poderiam ser examinados em Maputo desde que as autópsias fossem acompanhadas por uma equipa sul-africana.

Os corpos do Presidente Samora Machel, do Ministro Alcântara Santos e de Aquino de Bragança vieram de Mbuizi para Maputo cerca das 16 horas do dia 20 no helicóptero da Força Aérea moçambicana, que levava

o então Ministro da Segurança, Sérgio Vieira, a Mbuizi.

Os restantes corpos foram de Mbuizi para Komatiport, tendo sido depois transportados por um «Antonov» moçambicano para Maputo, aonde chegaram por volta das 20 horas.

Uma fonte da comissão médica moçambicana, que fez os exames, disse à AIM não ser possível precisar a hora em que as incisões terão sido feitas. Ou foram feitas no local do despenhamento ou entre Mbuizi e Komatiport.

Posto perante os cortes, o Professor Nel manifestou-se surpreendido, declarando que aquilo não era um procedimento normal. Acrescentou que iria contactar as autoridades do seu país para que explicassem o que acontecera.

Solomon Botha opinou que as incisões talvez tivessem sido feitas para a exploração de possível fractura da coluna cervical, mas Nel pôs essa hipótese de lado, dizendo que ele nunca utilizaria tal método por haver outros muito mais adequados e normais.

O Professor Nel avançou então a hipótese de as incisões terem sido feitas para recolha de sangue.

A equipa sul-africana discutiu acasamente o assunto, e Nel reiterou que o Governo sul-africano iria dar uma resposta às inúmeras perguntas que a existência daqueles cortes levantava.

O Dr. Fernando Vaz fez uma comunicação por escrito ao Ministro moçambicano da Justiça, Ali Dauto Osman, que elaborou uma nota oficial ao Governo sul-africano, pedindo explicações.

Surgem então as declarações de Roelof Botha sobre a existência de álcool no sangue dos tripulantes soviéticos. Ele não precisou se era no sangue daquele tripulante, se no de todos os tripulantes falecidos.

Em Maputo, a equipa sul-africana examinou os corpos dos quatro tripulantes soviéticos mortos, com «muito rigor», segundo uma fonte da comissão médica moçambicana. Foram retiradas amostras de sangue de todos eles, quer para a equipa sul-africana,

quer para a comissão médica moçambicana.

Os resultados dessas amostras são hoje parte do material na posse da Comissão Internacional de Inquérito.

A AIM apurou que o Governo sul-africano respondeu que este assunto seria matéria para investigação por parte da Comissão de Inquérito sul-africana.

Para além das afirmações de Botha, é de recordar um outro acontecimento relacionado com isto.

Em declarações de dirigentes moçambicanos, já após o seu regresso a Maputo de um hospital em Nelspruit, o sobrevivente Vasco Langa disse que tinha sido interrogado entre os dias 20 e 24 de Outubro.

Num dos interrogatórios — cuja data e hora não especificou —, Langa foi indagado por um major da Força Aérea sul-africana sobre a possibilidade de os tripulantes estarem embriagados. Langa negou tal possibilidade, pois os tripulantes, que ele costumava contactar regularmente na sua qualidade de funcionário de Protocolo, encarregue das comunicações entre os voos presidenciais e Maputo, não bebiam quando em serviço.

A AIM contactou diversos médicos para apurar as possíveis causas das incisões, tendo sido postas três hipóteses:

● Para injectar conservantes, isto costuma-se fazer quer pelas veias jugulares, quer femurais, mas nenhum dos 34 corpos (Guido Martinho só faleceu em Janeiro) tinha qualquer indicação (cheiro ou alteração de tecidos) a sugerir a existência de conservantes;

● Para injectar outros produtos, que não conservantes, os quais depois seriam detectados nas análises do sangue;

● Para tirar sangue.

A segunda e terceira hipóteses são as mais viáveis para explicar as declarações de Botha.

Quem fez esses cortes poderá ter introduzido álcool no sangue dos mor-

tos ou ter extraído sangue para depois lhe adicionar álcool laboratorialmente.

Só as análises ao sangue dos restantes membros da tripulação poderão responder a pergunta imediata: às incisões feitas no pescoço de Cholipov terá sido adicionada a introdução de álcool no sistema sanguíneo dos outros três tripulantes por meios menos crus e óbvios?

Um médico, indagado pela AIM, sobre esta hipótese, recordou apenas que o álcool introduzido num corpo morto não volatiliza rapidamente, mantendo-se durante longo tempo.